



## “MINHA VIDA DE JOÃO”: REFLEXÕES E INQUIETAÇÕES DAS ADOLESCÊNCIAS

Juliana Graziella Martins Guimarães<sup>1</sup>  
Priscila Natalícia Bernardo<sup>2</sup>  
Silmara Aparecida dos Santos<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo veicula as problematizações advindas do relato de ações desenvolvidas pelo PIBID Pedagogia- Gênero e Sexualidade, da Universidade Federal de Lavras com o filme-animação “Minha vida de João”, exibido para adolescentes dos 6º e 9º anos do ensino fundamental, em uma escola pública estadual de Lavras - MG. Foi utilizado como recurso a película, papéis e canetas hidrocor para que cada um/a pudesse fazer o registro de suas percepções e reflexões. Estes registros nos sugeriram como o desejo de conquistar o próprio espaço, o ensaio para a vida adulta, os padrões de comportamento influenciados pela vivência familiar e contexto social fazem fluir as condutas individualizadas nos relacionamentos sexuais vividos por aqueles/as adolescentes.

**Palavras-chave:** Pibid, adolescência e sexualidade.

### Iniciando a conversa: O Pibid potencializando as problematizações de Gênero e Sexualidade

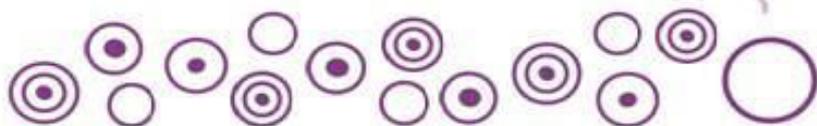
Nascemos biologicamente com o sexo masculino (pênis) ou com o feminino (vagina), entretanto ao longo do desenvolvimento pessoal e social vamos construindo formas de ser, isto é, identidades de gênero. Gênero não envolve apenas masculino e feminino, mas também as diversas identidades que transitam, que estão entre os espaços.

Diante do exposto, a equipe Pibid Pedagogia Ufla - Gênero e Sexualidade - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Lavras, por meio de oficinas pedagógicas desenvolvidas com crianças e adolescentes, têm realizado um trabalho de reflexão e aprofundamento de um assunto que deixa as professoras e os professores pouco à vontade e indiferentes às questões relacionadas a sexualidade e outras que se fazem tão presentes no ambiente escolar.

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia, Mestranda em Educação DED/Ufla, ex-bolsista Pibid Pedagogia Ufla – Gênero e Sexualidade, Integrante do grupo de pesquisa: Relação entre filosofia e educação para a sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente - Fesex/Ufla. Email: [jujugraz@hotmail.com](mailto:jujugraz@hotmail.com)

<sup>2</sup> Licenciada em Pedagogia, Mestranda em Educação – DED/Ufla, ex-bolsista Pibid Pedagogia Ufla – Gênero e Sexualidade, integrante do grupo de pesquisas - Fesex/Ufla. Email: [priscilapnbo@hotmail.com](mailto:priscilapnbo@hotmail.com)

<sup>3</sup> Licenciada em Letras Portugueses – Inglês, Mestra em Educação DED/Ufla, integrante do grupo de pesquisas - Fesex/Ufla. Email: [silmarasantos93@hotmail.com](mailto:silmarasantos93@hotmail.com)





Para a realização de algumas dessas oficinas, adentramos em uma Escola Estadual de Lavras/MG. Para estas, exibimos o filme-animação “Minha Vida de João”<sup>4</sup>. Este filme traz o crescimento e desenvolvimento de um menino influenciado por concepções sociais sobre o que é ser homem em sociedade, tendo que se enquadrar em vários estereótipos para ser socialmente aceito.

O filme é produzido em preto e branco, com variantes de mistura dessas duas cores. Algumas outras cores aparecem para compor a narrativa. A cor azul aparece compondo os cenários (chão, parede, céu, lágrimas, chuva). As demais cores destacam algumas cenas e objetos (cabelos e olhos da amada Maria, gato, coração e gotas de sangue, lápis colorido, céu da casa de Maria e sol). A cor azul é utilizada como elemento cênico para destacar a marcação do gênero masculino. O filme aborda a história da vida de João, da sua infância até o início da vida adulta. Focaliza a identidade de gênero, dentre as múltiplas identidades registradas na narrativa. (XAVIER FILHA *et al.*, 2012, p.339)

A película é marcada pela presença constante de um lápis, que aparece em vários momentos. Este objeto é utilizado para representar as regras e os discursos impostos pela sociedade, que ditam, apontam e modificam comportamentos diante das mais variadas situações tornando-os “socialmente aceitos”.

Durante a exibição do filme as falas, gritos, medos e anseios dos/as adolescentes, expressados em diálogos, palavras, frases soltas e também por desenhos construídos após o vídeo, nos fizeram perceber a forte demarcação das fronteiras entre feminino e masculino nos discursos que se fundem e se individualizam. E revelaram também condutas que desnudam o silêncio e o proibido.

Destarte, este artigo pretende problematizar algumas representações escritas e faladas dos/as adolescentes sobre sexualidade, gênero e inquietações registradas durante o trabalho realizado pelo Pibid/Pedagogia– Gênero e Sexualidade.

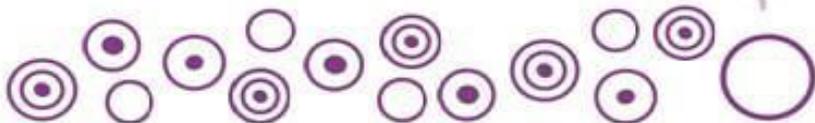
***“Ele se lembrou da camisinha, mas não usou porque não tinha.”***

A frase dita de maneira espontânea, por um adolescente do 6º ano no momento em que todos/as estavam em silêncio assistindo o personagem principal do filme “Minha vida de João” ter a sua primeira relação sexual com sua namorada Maria, despertou outras manifestações para a mesma cena: “- João vacilou, fez sexo sem camisinha.”, “- João é esperto foi lá e fez.”, “- João é o cara!”, “- Perdeu Maria! Perdeu!”.

Tais manifestações foram acatadas por alguns/as dos/as que estavam presentes com risos, gritos e expressões como “- Ai delícia!”, “- Faço muito melhor.”, “- Sabe nada!”.

---

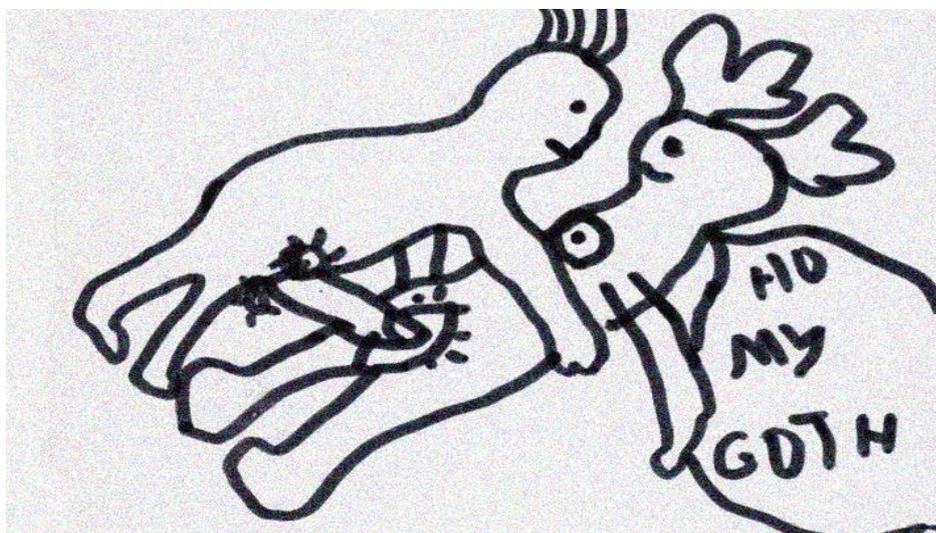
<sup>4</sup> O vídeo é uma parceria da ECOS – Comunicação em Sexualidade, Instituto Promundo, Instituto PAPAI e Salud y Género. Retirado de: <https://filmow.com/minha-vida-de-joao-t73436/ficha-tecnica/>





Neste ponto, vimos que os/as adolescentes queriam mostrar a todos/as presentes naquele espaço, a experiência que já tiveram com o sexo. Consideramos serem estas atitudes de resistência, referenciais de identidade e reconhecimento diante de um assunto que para eles/as é “restrito ao mundo dos adultos”.

Após a exibição da película, conversamos com os/as presentes e explicamos como seria a atividade. Disponibilizamos papéis e canetas hidrocor para que eles/elas expressassem como e o que quisessem a respeito do filme que acabaram de assistir. Um estudante do 6º ano representou por desenho como aconteceu, para ele, a primeira relação sexual do personagem do filme:



Esse mesmo estudante também nos relatou que assim como o personagem ele não usou camisinha na sua primeira relação sexual:

*“Não usei mesmo, e também não fiquei pensando. Fui lá e fiz! Porque comigo é assim mesmo! Não fico pensando ou falando, eu faço!”* (G., estudante do 6º ano)

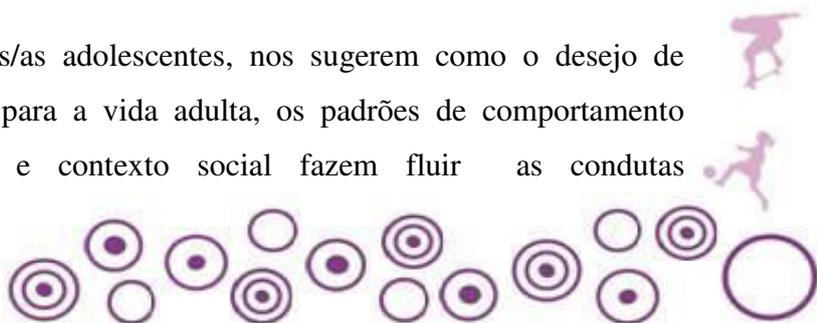
Diante das suas falas, alguns de seus colegas em concordância disseram:

*“- É isso aí cara!”; “- Também faço isso.”; “- Mulher a gente chama pro sexo e vai!”*. (P. estudante 7º ano)

Nesse sentido, as falas e as atitudes dos adolescentes nos fazem pensar que:

[...] Quando estão em grupos, podemos notar a presença de elementos como competição, agressividade e violência. Diversos adolescentes fazem questão de exaltar a virilidade e a força como forma de destacar a masculinidade. Tal fato comprova que as masculinidades são práticas diárias nas quais os garotos se engajam. (CAETANO; JUNIOR; HERNANDEZ, 2014, p.07)

As falas e representações desses/as adolescentes, nos sugerem como o desejo de conquistar o próprio espaço, o ensaio para a vida adulta, os padrões de comportamento influenciados pela vivência familiar e contexto social fazem fluir as condutas





individualizadas nos relacionamentos sexuais vividos por eles e por elas. Segundo Michel Foucault,

... o ponto essencial não é saber o que dizer ao sexo, sim ou não, formular lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não nas palavras empregadas para designá-lo, mas levar em consideração o fato de se falar em sexo, quem fala? Quando e de onde fala? Quais são suas atitudes, percepções e pontos de vistas? (FOUCAULT, 1999, p.18)

Os/as que não se manifestaram ou discordaram dos colegas devido a religiosidade ou o modo “diferente” de pensar, foram muito criticados/as e silenciados/as. Tal atitude, nos sugere que não concordar com as manifestações do grupo é não “enquadrar-se” não se permitir ao adestramento do corpo e da mente para atender as exigências deste. Por outro lado, essa dualidade se completa quando os/as que permaneceram em silêncio ou discordaram se sujeitam as normas de comportamento estabelecidas socialmente pela família, igreja e escola.

***“- Marcos estou grávida! Em seguida ela mostrou o exame de gravidez deixando-o surpreso. Naquele dia, ele não quis usar o preservativo. ”***

Enquanto a primeira relação sexual do personagem João chamou atenção dos adolescentes, para as adolescentes as consequências do sexo sem proteção apresentadas nas cenas seguintes tiveram um peso muito maior. A gravidez não planejada de Maria e suas implicações despertaram nelas a vontade de partilhar relatos pessoais e opiniões que foram defendidas, muitas vezes, no grito e em tom de agressividade e revolta.

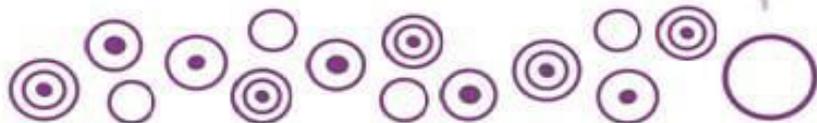
*“Na minha opinião João foi um covarde. Na hora de fazer sexo com ela, ele gostou. Agora na hora de assumir a criança ele vai embora. Homem faz assim com mulher. Não tá nem aí! Faz sexo, depois quem cria o filho somos nós. Mulher só sofre”. (M. estudante do 8º ano)*

Um adolescente que ouviu todo o relato, contestou:

*“A Maria fez sem camisinha porque quis. Aposto que o João não obrigou. Não tô dizendo que ele é inocente, pra mim ele tem que assumir o filho sim, mas dizer que mulher é coitada aí não né?! Porque ela não tomou remédio? Toda mulher pode tomar remédio e não engravidar. Só não toma quem não quer. E essa aí não quis. ” (C. estudante do 9º ano)*

Diante dessas falas, é possível perceber que para a adolescente que nos relatou a história de seu amigo e para o seu colega que expôs seu ponto de vista, há uma nítida demarcação entre as atitudes que as jovens esperam de seu parceiro diante de uma gravidez não planejada e a maneira como os rapazes veem essa situação. Para Maria Luiza Heilborn et al.,

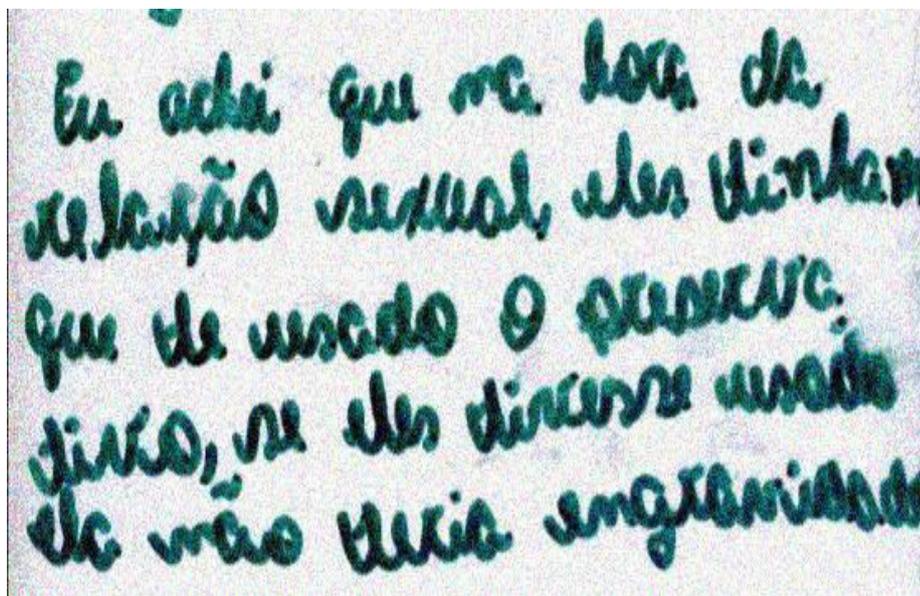
... a vivência espontânea das relações sexuais combina-se bastante com a velha dicotomia, segundo a qual as mulheres não pensam na sexualidade, mas sim em relações estáveis, e os homens não falam sobre sexualidade com as mulheres,



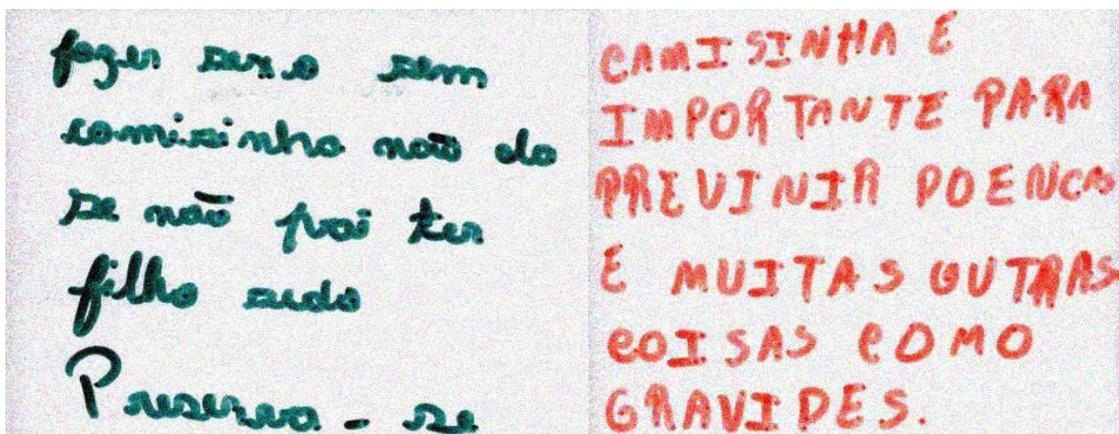


empenhando-se, no entanto, em ter relações sexuais com elas o mais cedo possível. (HEILBORN *et al.*, 2006, p.199)

Outros/as adolescentes se manifestaram por meio da escrita, os momentos do filme que segundo eles/as transmitiam “*uma mensagem para a vida, um conselho, uma dica de como agir*”:



Eu achei que na hora de  
relação sexual, eles tinham  
que de usar o preserv.  
certo, se eles disserem não  
de não devia engravidar

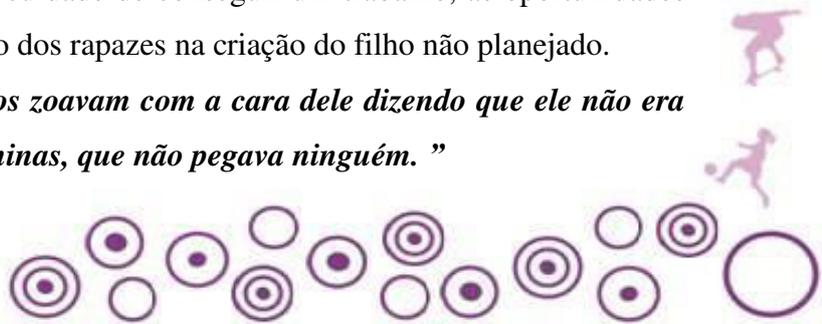


fozer sexo sem camisinha não do se não foi ter filho cedo Preservar - se	CAMISINHA É IMPORTANTE PARA PREVINIR DOENÇAS É MUITAS OUTRAS COISAS COMO GRAVIDES.
--	---

Esses discursos e inquietações nos fazem pensar que para estes/as jovens a gravidez na adolescência é vista como um problema mais sério do que as doenças sexualmente transmissíveis.

Embora o filme tenha mostrado o risco de se contrair DST's pelo não uso da camisinha e a gravidez na adolescência, as percepções deles/as estavam voltadas para as responsabilidades, abandono escolar, dificuldade de conseguir um trabalho, as oportunidades perdidas pelas jovens e a não participação dos rapazes na criação do filho não planejado.

*“João amava Maria. Seus amigos zoavam com a cara dele dizendo que ele não era de nada, que não ficava com outras meninas, que não pegava ninguém.”*





As aflições explicitadas em falas como esta, deixam transparecer a preocupação que os/as adolescentes apresentaram ao assistir a cena onde os amigos de João o colocam em posição de fragilidade quando ele se nega a “ficar” com uma garota, traindo Maria. João, diante de insultos e zombarias, acaba por ir contra a sua vontade e fazer o que o grupo julga ser coisa de “macho”.

A fase da adolescência é marcada por um período de mudanças físicas e psicológicas em que a opinião do grupo social sobressai à visão particular dos/as adolescentes. Diante disso, é muito comum atitudes influenciadas por outros/as jovens por medo da não aceitação pelo coletivo, que é uma grande violência. Essa forma de violência recebe o nome de *bullying*, e ser vítima de suas ações causa grande temor nas relações entre adolescentes.

Segundo Sônia Maria Pereira (2009), o bullying:

Compreende todas as atividades agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro/s, causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao bullying pode ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes. (PEREIRA, 2009, p.30)

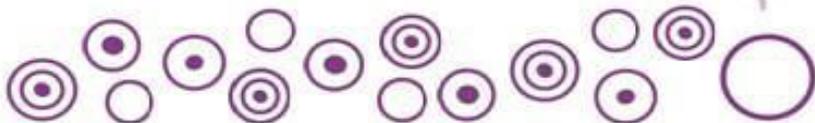
Os discursos, nesse sentido, produzem um controle de condutas que normatizam ações, falas, imagens e representações do mundo, e comportamentos que questionem ou ignorem essas condutas se tornam afrontas para os/as que exercem o poder.

O Dicionário Oxford de Filosofia (1997, p.301) define a palavra poder como a capacidade de o indivíduo conseguir algo, quer seja por direito, por controle ou por influência. Mas é em Michel Foucault (1999) que referenciamos como este poder é exercido:

[...] que o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de números, pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações. (FOUCAULT, 1999, p. 89).

Do outro lado, estão os/as educadores/as, que muitas vezes não sabem lidar com bullying. Sentem-se por diversos momentos carentes de uma efetiva formação para o trabalho com essa diversidade de temáticas, tendo em vista a responsabilidade que lhes são transmitidas na formação do sujeito. Nesse sentido, Pereira (2009) destaca que:

... é preciso que as instituições formadoras de professores e coordenadores tenham em mente a importância da formação prática dos novos profissionais, para que estes, ao saírem das universidades, tenham instrumentos para conhecer e lidar com a violência que vem se disseminando na escola. (PEREIRA, 2009, p.81)





A preocupação é grande, pois a mídia reforça padrões que muitas vezes não condizem com o contexto social desses/as jovens, e assim pode se tornar agente propagadora das manifestações de *bullying*.

Diante de todo o trabalho, a equipe percebeu o quanto demonstrações de poder, imposições de discursos e práticas do *bullying* são comuns entre grupos de adolescentes. O filme “Minha vida de João” possibilitou falas de jovens e educadores/as para as inquietações e silenciamentos que permeiam o ambiente escolar, mostrando que transgredir práticas que tendem a normatizar o comportamento, e inserir o respeito às diversidades deve contemplar ações processuais que façam explodir possibilidades para as vivências desses meninos e meninas.

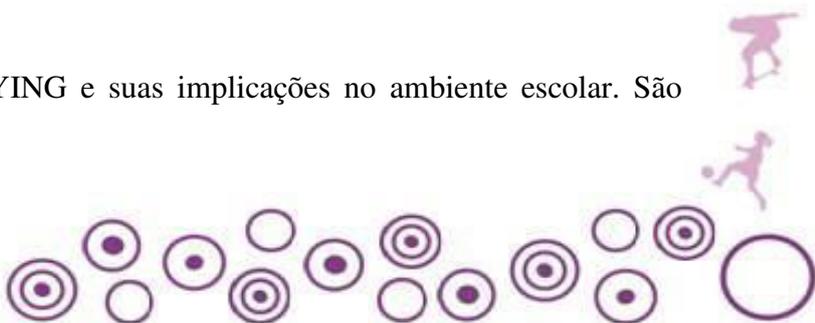
### **Algumas considerações**

Possibilidades, significados e novos olhares emergiram nas manifestações e falas validando nossos enfrentamentos diante das portas da escola que, muitas vezes insistem em permanecer fechadas às conversas sobre gênero e sexualidade.

Consideramos assim que o trabalho com os/as adolescentes instiga a incontáveis reflexões, percepções, caminhos e estudos. As análises e representações que se deram por meio da escuta e do olhar atento da nossa equipe, disposta ao trabalho, buscou desconstruir “verdades”, preconceitos e estereótipos deu voz e visibilidade ao não falado, ao proibido, ao silenciado.

### **Referências**

- BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de Filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CAETANO, Márcio R.V.; JUNIOR, Paulo M. da Silva; HERNANDEZ, Jimena de Garay. Ninguém nasce homem, torna-se homem: as masculinidades no corpo e o corpo nas práticas curriculares das masculinidades. Revista Periódicus. 2014, 2ed. 1-11, abril, 2014.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. Vol1: A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- HEILBORN, Maria L.; AQUINO, Estela M. L.; BONZON, M.; KNAUTH, Daniela R. (Org.). O aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2006.
- PEREIRA, Sônia M. de Souza. BULLYING e suas implicações no ambiente escolar. São Paulo: Editora Paulus, 2009.





XAVIER FILHA, Constantina; ROCHA, Cristine N. Barbosa da; MARTINS, Lorena S., et.al.  
Minha vida de João e era uma vez outra Maria: Reflexões sobre masculinidades e  
feminilidades em momentos de formação docente. In: RIBEIRO, Cláudia Maria (Org.).  
*Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da Educação Infantil*. Lavras: UFLA,  
2012





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

